PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DO ANALISTA: ENTRE FREUD, LACAN E A RESISTÊNCIA À INSTITUCIONALIZAÇÃO

Ester dos Santos[1]
Marcos Vinícius Peghin Souza[2]
Sarah Caldas Assunção Martin[3]
Janaína Mazutti dos Santos[4]

RESUMO: O presente artigo analisa a formação do analista na psicanálise, à luz das contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan, evidenciando a especificidade desse processo frente às tentativas de institucionalização. Desde os primeiros anos da psicanálise, Freud se preocupou com a formação de quem ocupa essa posição, indicando como pilares do percurso formativo o estudo teórico, a supervisão e a análise pessoal. Lacan, posteriormente, retomou a temática, problematizando a formação e ressaltando a centralidade da experiência analítica. Essa reflexão ganha relevância no contexto contemporâneo, com os crescentes cursos de formação em psicanálise ofertados por instituições que garantem um analista ao final das aulas. A partir da análise teórica realizada, os principais resultados desta pesquisa indicam que a formação do analista não se subordina a critérios institucionais, pois é atravessada pelo tripé psicanalítico e pela experiência do inconsciente vivida na análise, através da singularidade, da profundidade e da complexidade desse processo formativo.
Palavras-chave: psicanálise; formação do analista; tripé psicanalítico; institucionalização da psicanálise.

PSYCHOANALYSIS AND THE TRAINING OF THE ANALYST: BETWEEN FREUD, LACAN AND RESISTANCE TO INSTITUTIONALIZATION

ABSTRACT: This article analyzes the training of the psychoanalyst in light of the contributions of Sigmund Freud and Jacques Lacan, highlighting the specific nature of this process in contrast to attempts at institutionalization. From the early years of psychoanalysis, Freud was concerned with the training of those occupying this position, identifying theoretical study, supervision, and personal analysis as the pillars of the training path. Later, Lacan revisited the subject, problematizing the nature of training and emphasizing the centrality of the analytic experience. This reflection is particularly relevant in the contemporary context, given the growing number of psychoanalytic training courses offered by institutions that promise to produce an analyst upon completion of the classes. Based on the theoretical analysis conducted, the study's main findings indicate that analyst training is not subordinate to institutional criteria; rather, it is shaped by the psychoanalytic "tripod" and the experience of the unconscious within analysis, defined by the singularity, depth, and complexity of this formative process.
Keywords: psychoanalysis; analyst training; psychoanalytic tripod; institutionalization of psychoanalysis.

EL PSICOANÁLISIS Y LA FORMACIÓN DEL ANALISTA: ENTRE FREUD, LACAN Y LA RESISTENCIA A LA INSTITUCIONALIZACIÓN

[1] Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense, Cascavel, PR.
[2] Graduando em Psicologia pela Universidade Paranaense, Cascavel, PR.
[3] Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense, Cascavel, PR.
[4] Professora do curso de Psicologia, Mestre em Educação, Universidade Paranaense, Cascavel, PR

RESUMEN: Este artículo analiza la formación del analista en psicoanálisis, a la luz de las contribuciones de Sigmund Freud y Jacques Lacan, resaltando la especificidad de este proceso frente a los intentos de institucionalización. Desde los inicios del psicoanálisis, Freud se preocupó por la formación de quienes ocupan esta posición, señalando el estudio teórico, la supervisión y el análisis personal como pilares de la trayectoria formativa. Posteriormente, Lacan retomó el tema, problematizando la formación y enfatizando la centralidad de la experiencia analítica. Esta reflexión cobra relevancia en el contexto contemporáneo, con el creciente número de cursos de formación psicoanalítica ofrecidos por instituciones que garantizan la formación de un analista al finalizar el curso. A partir del análisis teórico realizado, los principales resultados de esta investigación indican que la formación del analista no está subordinada a criterios institucionales, ya que se desarrolla a través del trípode psicoanalítico y la experiencia del inconsciente vivida en el análisis, mediante la singularidad, profundidad y complejidad de este proceso formativo.
Palabras clave: psicoanálisis; formación de analistas; trípode psicoanalítico; institucionalización del psicoanálisis.

1. INTRODUÇÃO

Considera-se que o analista é aquele que ocupa uma posição específica na relação analítica, sustentando a escuta do inconsciente, conduzindo o sujeito a livremente associar, questionar e elaborar seus sintomas. Desde os primórdios da psicanálise, a formação daquele que ocupa essa posição em um processo de análise é um tema de preocupação para Sigmund Freud. Diante disso, o autor elenca, através de diversos textos que aqui serão mencionados, recomendações para o exercício psicanalítico, dentre elas o estudo teórico, a supervisão e a análise pessoal. Posteriormente, Lacan retomará essa temática, problematizando a formação em psicanálise.

Embora esse tema tenha sido trabalhado desde os primeiros anos da psicanálise, não deixa de ter suas reverberações nos dias atuais, visto o grande número de movimentos que visam uma institucionalização deste saber, prometendo *a priori* um diploma e, somente, *a posteriori* um analista. Mas será que a leitura dos livros, juntamente com uma carga horária definida e diploma, são capazes de garantir a formação de um analista? Além disso, qualquer sujeito pode exercê-la ou é imprescindível que alguma instituição reconheça a "capacidade" deste para tal exercício? Afinal, como se dá a formação do analista tendo em vista que esta não se reduz somente ao saber técnico?

Com essas inquietações, a proposta desse trabalho é refletir acerca de como se dá a formação do analista segundo Freud e Lacan e porque a formação em psicanálise não se submete a uma institucionalização. Posto esta problemática, essa pesquisa se propõe a analisar os fundamentos da formação do analista a partir da perspectiva freudiana e lacaniana, destacando os elementos constitutivos do tripé psicanalítico e refletir sobre as razões pelas quais a formação em psicanálise não se submete à institucionalização, abordando sua natureza singular, a centralidade da experiência analítica e a especificidade de seu processo formativo.

A reflexão acerca da formação do analista para a psicanálise possui grande relevância no contexto social contemporâneo, pois observa-se um crescente distanciamento da proposta de formação psicanalítica tal como concebida por Freud e Lacan. Em meio a uma sociedade marcada pela aceleração, pela busca de resultados imediatos e pela padronização das práticas de cuidado, a formação analítica corre o risco de ser reduzida a um processo meramente técnico e institucional. A psicanálise resiste a essa lógica ao propor a discussão sobre os fundamentos da formação analítica reafirmando a experiência do analista em sua própria análise como eixo central dessa formação. Além de sua relevância social e clínica, este estudo se justifica cientificamente por contribuir para o campo teórico da psicanálise, ao retomar criticamente as formulações de Freud e Lacan sobre a formação do analista, em um contexto em que se observa a proliferação de modelos formativos institucionalizados e, muitas vezes, desvinculados de seus fundamentos teóricos originais.

Como parte do processo metodológico, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão bibliográfica, que, conforme Gil (2008), é elaborada a partir de materiais previamente publicados, constituídos principalmente por livros, artigos científicos e demais produções acadêmicas. Para compreender o fenômeno mencionado, realizou-se o levantamento de dados no Portal de Periódicos Capes com os descritores: formação do analista e tripé psicanalítico. Tais descritores foram selecionados com base na temática deste artigo, considerando a análise do resumo dos artigos selecionados e da relação do conteúdo com o objeto estudado. A partir desse levantamento, foram elencados textos, artigos científicos e capítulos de livros pertinentes à temática proposta, contribuindo para a construção da análise desenvolvida.

Além desses materiais, para investigar a formação do analista na psicanálise, recorre-se à teoria freudiana, tomando como base uma série de textos fundamentais que atravessam diferentes momentos de sua obra, dentre os quais destacam-se *O método psicanalítico freudiano* (1904), *Sobre psicoterapia* (1905), *Sobre psicanálise selvagem* (1910), *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910), *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (1912), *Sobre o início do tratamento* (1913), *A história do movimento psicanalítico* (1914), *Observações sobre o amor transferencial* (1915), S*obre o ensino da psicanálise nas universidades* (1919) e *A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial* (1926). Sob a ótica lacaniana em relação a essa mesma investigação, serão utilizados os seguintes textos: *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1968), *Ato de fundação da Escola Freudiana de Paris* (1964) e *O seminário, livro 11* (1964).

A escolha de Sigmund Freud e Jacques Lacan como principais referências teóricas deste estudo justifica-se pelo lugar central que ambos ocupam na construção e no desenvolvimento da psicanálise, especialmente no que se refere à formação do analista. Freud foi selecionado por ser o

fundador da psicanálise e por ter elaborado as bases iniciais acerca da prática e da transmissão psicanalítica, discutindo aspectos fundamentais para a constituição do analista. A escolha de Jacques Lacan decorre de sua retomada crítica da obra freudiana e de suas contribuições para pensar a formação analítica para além de modelos institucionais tradicionais. Lacan é fundamental para esta discussão por problematizar a transmissão da psicanálise e enfatizar que a formação do analista está vinculada à experiência subjetiva da análise e à relação singular do sujeito com o inconsciente.

Para nossos propósitos, apresentamos a formação do analista pela leitura da teoria freudiana e lacaniana e a reflexão sobre a resistência à institucionalização da psicanálise frente às propostas formativas do nosso tempo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Os fundamentos da formação do analista na teoria freudiana

A constituição da psicanálise, no final do século XIX, inscreve-se em um contexto marcado pelo predomínio do saber médico positivista e pela centralidade organicista na compreensão do sofrimento psíquico. Como destaca Luiz Alfredo Garcia-Roza, em *Freud e o inconsciente* (2009), o surgimento da psicanálise não pode ser compreendido sem referência a esse período pré-psicanalítico, no qual o discurso médico procurava reduzir os fenômenos psíquicos a causas orgânicas. É precisamente no interior dessa tradição que Freud opera um deslocamento decisivo, inaugurando uma nova forma de escuta e de compreensão do sintoma.

Entre os antecedentes imediatos da psicanálise, a hipnose ocupou um papel central na clínica do século XIX. Garcia-Roza (2009) aponta que, sistematizada por James Braid, a técnica fundamentava-se no princípio da sugestão, atribuindo ao médico a responsabilidade de induzir efeitos terapêuticos específicos sobre o paciente. Utilizada por Jean-Martin Charcot no tratamento da histeria, a hipnose permitia a supressão temporária de sintomas, permanecendo, entretanto, dependente da autoridade do médico e da lógica sugestiva.

Nesse contexto, as manifestações psíquicas classificadas como histeria permaneceram parcialmente incompreendidas pela medicina tradicional, que privilegiava a anatomia patológica como referência diagnóstica. A hipnose, ao possibilitar a eliminação temporária de sintomas, consolidou-se como a principal intervenção clínica disponível, ainda que limitada em seus efeitos. Foi nesse cenário em que Freud observou e passou a utilizar a técnica, percebendo, entretanto, suas limitações para compreender o funcionamento psíquico subjacente aos sintomas.

> O emprego da hipnose tinha por objetivo o controle da situação. Através da sugestão hipnótica, o médico podia obter um conjunto de sintomas histéricos bem definido e regular; mas isso evidencia, ao mesmo tempo, que a histeria nada tinha a ver com o corpo

> neurológico, mas com o desejo do médico. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 34).

Freud, ao utilizar-se de tal técnica, percebeu que tais relatos dos pacientes continham conteúdos de natureza sexual, identificando uma dimensão que Charcot não abordava. “Estava selado o pacto entre a histeria e a sexualidade; pacto esse que foi recusado por Charcot e que se transformou em ponto de partida e núcleo central da investigação freudiana.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 34). Essa percepção inaugura a possibilidade de um método psicanalítico centrado não apenas na supressão de sintomas, mas na escuta do sujeito.

Ao perceber que a hipnose eliminava apenas os sintomas, sem atingir suas causas, Freud recorreu ao método desenvolvido por Joseph Breuer, denominado catarse, que consistia na liberação dos afetos reprimidos durante o estado hipnótico. À essa descarga de afetos, denominou-se ab-reação. Freud abandonou a prática da hipnose sugestiva, reconhecendo que ela se mostrava restritiva e pouco produtiva para a investigação do funcionamento psíquico, adotando, portanto, a catarse de Breuer.

> A característica principal do método catártico, que o coloca em oposição a todos os outros procedimentos da psicoterapia, portanto, consiste no fato de que nesse método a eficácia terapêutica não é transferida para uma proibição sugestiva do médico. Ele espera, ao contrário, que os sintomas desapareçam por conta própria, se a intervenção [...] conseguir levar processos anímicos por um percurso diferente do atual, que desembocou na formação do sintoma. (FREUD, 1904, p. 52).

“Se o trabalho catártico já havia abdicado da sugestão, Freud, por sua vez, deu um passo além e também desistiu da hipnose.” (FREUD, 1904, p. 52). Assim, Freud pôde identificar um fenômeno até então obscurecido pelo procedimento sugestivo: a defesa, que mais tarde denominaria recalque. Conforme observa Garcia-Roza, “[...] procedimento hipnótico era, sem que ele soubesse, o obstáculo maior ao fenômeno que será transformado num dos pilares da teoria psicanalítica: a defesa (ou, como ele chamará mais tarde, o recalcamento).” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 37). A defesa, como censura à própria narrativa do paciente, e a resistência, como seu sinal externo, transformam radicalmente a prática clínica freudiana. Seu objetivo passa a ser tornar conscientes as ideias patogênicas, possibilitando sua elaboração. “Nesse momento, começa a se operar a passagem do método catártico para o método psicanalítico.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 38).

Em *O método psicanalítico freudiano*, datado de 1904, Freud registra as primeiras exposições acerca da psicanálise. Freud decidiu, portanto, posicionar seus pacientes num divã, “[...] sem qualquer tipo de influência, enquanto ele próprio [...] senta-se numa cadeira atrás deles.” (FREUD, 1904, p. 53). E, a partir da solicitação de uma das pacientes para que pudesse falar livremente o que lhe viesse à mente, constituiu-se o princípio da associação livre. Esse princípio, a regra fundamental, consiste em que o analista afirme aos pacientes “[...] que eles lhe contem tudo que

lhes vem à cabeça, [...] exige deles que não excluam nenhum pensamento [...]" (FREUD, 1904, p. 54). Esse é o momento em que Freud marca a consolidação técnica do método psicanalítico, separando-se dos métodos de sugestão.

Já em *Sobre a psicoterapia* (1905), Freud explicita de maneira sistemática a diferença entre o método analítico e o método hipnótico ou sugestivo. Para ilustrar tal distinção, recorre à analogia proposta por Leonardo da Vinci entre pintura e escultura: enquanto a pintura acrescenta matéria onde nada havia, a escultura retira da pedra aquilo que encobre a forma já existente.

> A pintura, diz Da Vinci, trabalha per *via di porre*; é que ela coloca montinhos de tinta onde eles não existiam [...]; a escultura, por sua vez, procede *per via di levare*, já que retira da pedra o necessário para revelar a superfície da estátua nela contida. [...] a técnica sugestiva tenta fazer efeito *per via di porre*, ela não se preocupa com a origem, a força e a importância dos sintomas da doença, mas aplica algo, que é a sugestão, da qual ela espera que seja forte o suficiente para impedir a ideia patogênica de se expressar. A terapia analítica, por sua vez, não quer aplicar nada, não quer introduzir algo novo, mas quer tirar, extrair [...], ela se ocupa da gênese dos sintomas da doença e do contexto psíquico da ideia patogênica, cuja eliminação é seu objetivo. (FREUD, 1905, p. 67-68).

Evidencia-se, portanto, que a psicanálise não se funda na autoridade sugestiva do médico, mas na escuta e na interpretação do material produzido pelo próprio paciente.

Sendo assim, a especificidade do método freudiano não reside apenas na substituição da hipnose pela associação livre, mas numa transformação da posição ocupada pelo analista. Portanto, que tipo de analista surge dessa prática? Ele deixa de ser alguém que impõe sugestões e passa a desempenhar a função de garantir a regra fundamental da psicanálise, permitindo que o paciente associe livremente. Como ressalta Freud em *A questão da análise leiga* (1926), a psicanálise é um método de investigação do inconsciente que requer formação específica: o tratamento não se realiza por meio da intervenção ativa do analista, mas sim pelo trabalho do inconsciente do próprio sujeito. É a partir dessa transformação na prática e na posição do analista que se coloca a questão central sobre sua formação.

A formação do analista é, ainda hoje, discussão constante entre aqueles que se propõem a se aventurar na teoria psicanalítica. A proposta da formação em psicanálise caminha na contramão dos moldes educacionais atuais: não acontece necessariamente dentro de uma instituição, não tem disciplinas sistematizadas e, mais importante, não termina com a emissão de um diploma. Em *Sobre psicanálise selvagem*, Freud (1910) afirma que o estudo da psicanálise não se limita à leitura de livros, exigindo do analista dedicação e envolvimento pessoal. O autor sustenta que não basta ao médico conhecer apenas alguns resultados da psicanálise; é necessário que se familiarize com sua técnica para orientar sua prática segundo a perspectiva psicanalítica. Essa técnica, segundo Freud, não pode ser aprendida exclusivamente por meio de livros, mas demanda um processo que envolve tempo, esforço e implicação.

Freud, em seu texto *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, de 1910, introduz a ideia da necessidade da análise pessoal para se tornar analista quando fala sobre a contratransferência, que surge como resultado da influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do analista, e de como ela pode deixar pontos cegos que impeçam que análise aconteça, afirmando que

> [...] nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa autoanálise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer idéia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise. (FREUD, 1910, p. 5).

Além disso, o texto *Recomendações ao médico para o tratamento analítico*, de 1912, sistematiza as diretrizes da técnica analítica, o intuito de Freud não era que suas recomendações fossem tomadas como regras inflexíveis, mas sim elencar recomendações aos praticantes da psicanálise, por isso inicia dizendo que as recomendações foram resultado de sua própria experiência, mas que não descarta que outros médicos tomem uma postura diferente diante dos pacientes que atendem. Ao longo do texto, Freud associa a prática da psicanálise à figura do médico e apesar da medicina ter sido o contexto em que a psicanálise se originou, seu exercício não é exclusivo aos médicos, como será aprofundado posteriormente nesse mesmo trabalho. Entre orientações sobre anotações durante as sessões, ambições educativas e atenção flutuante, destaca-se a recomendação sobre a postura do analista durante o tratamento, devendo-se tomar como exemplo o cirurgião e colocar de lado seus afetos criando condições favoráveis, tanto para o médico quanto para o paciente. Ao recomendar que o médico dirija para o inconsciente do paciente seu próprio inconsciente, sintonizando-se com o analisando, Freud conclui que o médico não pode tolerar resistências próprias que afastam conteúdos inconscientes. A partir disso ele recomenda a necessidade do médico se submeter a uma análise pessoal, afirmando que os recalques não resolvidos se configuram como ponto cego na percepção analítica.

> Para tanto, não basta ele ser uma pessoa razoavelmente normal; pode-se, antes, exigir que ele tenha se submetido a uma purificação [Purifizierung] psicanalítica e que tenha tomado conhecimento daqueles complexos próprios, adequados para atrapalhá-lo na absorção daquilo que lhe é apresentado pelo analisando (FREUD, 1912, p. 99).

Posto isto, ao ser questionado sobre como se transformar em um analista, Freud responde que é através da análise dos próprios sonhos, mas que nem sempre é possível sem a ajuda de terceiros, por isso elogia a escola analítica de Zurique por exigir que "todo aquele que quiser executar uma análise dos outros deverá primeiro submeter-se a uma análise junto a um especialista" (FREUD, 1912, p. 100), afirmando que aquele que desprezar essa recomendação está fadado a incapacidade de aprender com seus pacientes e poderá se tornar um risco para os mesmos.

Finaliza explicando que por conta da diferença entre psicanálise e Psicologia da Consciência e pela não recorrência aos tratamentos por sugestão, o médico não deve investir sua própria individualidade para com o paciente, mas deve ser opaco, não mostrando nada além do que é mostrado, assim como um espelho.

O texto *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades* foi escrito por Freud em 1918 diante das reformulações na educação médica da época e discute a conveniência do ensino da psicanálise nas universidades de medicina sob o ponto de vista da própria universidade e da psicanálise. Ao apresentar o ponto de vista da psicanálise, Freud enfatiza que o psicanalista se forma através do estudo, da análise pessoal e da troca de experiências com pares mais experientes, não exigindo que essa vivência formativa aconteça na universidade.

> A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista. Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo. Porque o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada e, avançando ainda mais, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos. (FREUD, 1918, p. 107).

Em *A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial*, de 1926, Freud aprofunda a problemática da formação do analista apresentando os conhecimentos da teoria psicanalítica a um interlocutor fictício a fim de discutir a necessidade ou não da pessoa que aplica psicanálise ser médica, já que a discussão sobre a formação do analista encontra divergências de acordo com o tempo e localização. A apresentação dos conceitos psicanalíticos para essa discussão se justifica pela exigência do analista se submeter também ao processo de análise e da teoria não poder ser aprendida somente a partir de conhecimentos prévios.

Perpassando por conceitos como associação livre, organização do aparelho psíquico, pulsão, recalque, sexualidade infantil, resistência e transferência, afirma que a mera apresentação desses conceitos aos estudantes pouco os impressiona, por isso

> [...] exigimos também que todo aquele que queira aplicar a análise em outras pessoas primeiro se submeta ele próprio a uma análise. Só no decurso dessa "autoanálise" (como ela é erroneamente denominada), quando eles experimentam de fato no próprio corpo – ou melhor: na própria alma – os processos postulados pela análise, eles terão adquirido as convicções que os guiarão mais tarde enquanto analistas (FREUD, 1926, p. 223- 224).

Ao ser questionado pelo interlocutor sobre como e onde se aprende o que se precisa para exercer a análise, Freud cita como exemplo institutos em que ocorrem o ensino da psicanálise, nesses institutos os alunos passam pela análise pessoal, participam de aulas teóricas e são supervisionados por analistas mais experientes, compondo o tripé psicanalítico. Conclui afirmando

ainda que o debate entre a formação do analista depender da formação médica não se faz relevante, o que se deve considerar é se aquele que se considera habilitado para exercer a psicanálise passou por essa formação específica, já que para o paciente é indiferente se o analista é médico ou não, sendo muito mais importante que ele tenha adquirido os conhecimentos e percepções que o capacitem para tal tarefa. (FREUD, 1926)

> A análise, à qual devem se submeter todos os candidatos de um instituto de ensino analítico, ao mesmo tempo também é o melhor caminho para obter esclarecimentos sobre a sua adequação pessoal para o exercício dessa atividade exigente (FREUD, 1926, p. 282-283).

Além disso, o próprio Freud, em 1910, fundou seu próprio instituto que foi denominado como International Psycho-Analytical Association (Associação Internacional de Psicanálise) – IPA, com o objetivo de preservar a transmissão da psicanálise. No tocante à formação, esta instituição requer como condição necessária para a formação do analista a tríade de conceitos referidos nos parágrafos acima, a saber: análise pessoal, supervisão e estudo teórico.

> Na primavera de 1910, fundamos uma associação psicanalítica internacional, cujos membros declaram a ela pertencer através da publicação de seus nomes, para assim poder afastar a responsabilidade pelas atividades de todos aqueles que não fazem parte de nós e que chamam o seu procedimento médico de "Psicanálise". (FREUD, 1910, p. 88).

Para tanto, a partir da leitura dos textos expostos, compreende-se que, já na teoria freudiana, a formação do analista toma os moldes educacionais tradicionais pelo avesso e propõe que fazer-se analista perpassa sustentar um processo no qual o inconsciente se torna objeto de investigação, ou seja, submeter o analista a ser objeto de estudo sob seu próprio instrumento para que o analista experimente no corpo e na vida os postulados da psicanálise. A formação em psicanálise independe de uma formação acadêmica, se dá além.

2.2 A leitura lacaniana da formação do analista

A leitura lacaniana da formação do analista pode ser situada no interior do processo histórico de institucionalização da psicanálise. A partir de encontros semanais de estudos psicanalíticos entre Freud e outros médicos, desponta o movimento de institucionalização da psicanálise, que cresce a tal ponto que resulta na sua formalização. Em 1910, como referido, Freud fundou a International Psycho-Analytical Association (Associação Internacional de Psicanálise) – IPA com o propósito de ensino da psicanálise e habilitação da prática do analista. A proposta de formação ofertada pela IPA seguia os princípios de formação apresentados por Freud em seus escritos: estudo teórico, análise pessoal e supervisão, o que ficou conhecido popularmente, pois não há menção desse termo nem nos escritos de Freud nem nos protocolos publicados pela IPA, como o "tripé psicanalítico". (CARNEIRO, 2011)

Salienta-se que o contexto psicanalítico desta época era de uma prática em psicanálise que se encontrava atravessada por pressupostos das ciências positivistas, o que repercutia diretamente na transmissão do saber e nos modos de formação do analista. Assim, após a morte de Freud, a psicanálise passa por uma distorção por aqueles que a seguem que desconsideram toda a história e teorização prévia e definem a psicanálise por critérios que desconhecem os seus princípios. Essa oposição à estrutura da experiência freudiana se mostra refletida na adoção da IPA pela submissão a uma análise didática como requisito obrigatório para a formação do analista.

> Para se tornar analista, o candidato só poderia escolher um didata que constasse na lista de analistas de uma dada sociedade psicanalítica. Seu analista estabeleceria seu programa de formação, definindo as horas de análise a que o candidato teria de se submeter, os cursos que deveria frequentar, o momento oportuno que poderia praticar a psicanálise, condicionado à rotina determinada em sua supervisão. (CARNEIRO, 2011, p. 36).

Ou seja, para se tornar analista, o candidato só seria autorizado a praticar a psicanálise diante da autorização de seu próprio analista, ficando submetido ao direcionamento da instituição, resultando no psicanalista como resultado de outro analista. Sua formação se conclui quando o mesmo se identifica àquele que o forma, reduzindo a formação a uma replicação. É diante desse contexto de deformação dos conceitos propostos por Freud que Lacan desenvolve sua releitura teórica buscando retornar ao objetivo legítimo da psicanálise.

Jacques Lacan (1901–1981) foi um psicanalista e psiquiatra francês, considerado um dos principais intérpretes e renovadores da obra de Sigmund Freud no século XX. Formado em medicina com especialização em psiquiatria, destacou-se inicialmente por sua tese de doutorado sobre a psicose paranoica em 1932. A partir da década de 1950, desenvolveu um ensino próprio por meio de seminários e textos nos quais propôs um "retorno a Freud", articulando a psicanálise com campos como a linguística, a filosofia e a antropologia. Seu pensamento exerceu grande influência nas ciências humanas e na prática psicanalítica contemporânea, especialmente na Europa e na América Latina.

Como as sociedades psicanalíticas baseadas no modelo da IPA se organizaram segundo um esquema totalitário, qualquer divergência interna tendia a se transformar em oposição e a provocar rupturas. É com isso que Lacan se depara ao manifestar conflitos teóricos, institucionais e metodológicos que resultaram em seu rompimento com a Sociedade Psicanalítica de Paris e que o leva a uma nova proposta de formação. Tal aspecto torna-se claramente perceptível na abertura do *Seminário 11* (1988), onde o termo utilizado para designar sua saída da IPA é *excomunhão*. Lacan usa a palavra **"***excomunhão***"** de forma irônica e crítica para falar de sua exclusão do movimento psicanalítico oficial em 1963. Ele compara sua expulsão a uma excomunhão religiosa, justamente para criticar o funcionamento quase "eclesiástico" da instituição psicanalítica.

Ou seja, a ideia de que a psicanálise poderia funcionar como uma "igreja com ortodoxia" vem dessa forma como Lacan descreve sua exclusão e a autoridade institucional sobre o saber psicanalítico:

> Trata-se portanto de algo que é propriamente comparável ao que se chama, em outros lugares, excomunhão maior. Esta, ainda, nos lugares em que este termo é empregado, jamais é pronunciado sem possibilidade de retorno. (LACAN, 1964, p. 11).

Além disso, conforme foi apurado historicamente por Adrian Johnston (2026), a associação proibiu Lacan de continuar formando analistas, principalmente por causa do seu método de sessões curtas ou de duração variável, que contrariava o padrão tradicional. Percebe-se, portanto, um certo dogmatismo por parte da IPA. Fixada nessa rigidez, a psicanálise pode perder seu caráter crítico e investigativo.

Diante disso, Lacan se propõe a retornar a Freud a fim de esclarecer a prática da psicanálise retomando os conceitos freudianos e demonstrar o que a psicanálise não é. Em 1964, Lacan funda a Escola Francesa de Psicanálise propondo que todos entrassem sem hierarquia estabelecida e com o objetivo de resgatar a proposta de Freud sobre a psicanálise.

> Esse título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar-se um trabalho - que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. (LACAN, 1964, p. 1).

O objetivo da fundação da escola é indissociável de uma proposta de formação condizente com o movimento. Sendo assim, Lacan convida aqueles que formou, mas também outros que "[...] puderem contribuir para introduzir, dessa formação, o bem-fundado da experiência" (LACAN, 1964, p. 1), propondo a inexistência de uma hierarquia, formando uma organização circular, firmada na experiência.

Lacan retoma sua reformulação da formação do analista em sua *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1968). Em meio a criação do dispositivo do passe e reorganização da estrutura da escola, Lacan afirma: "Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza de si mesmo." (LACAN, 1968, p. 248).

De acordo com o dicionário Michaelis, "autorizar" significa: revestir de autoridade; permitir; dar permissão; consentir; tornar válido; abonar, justificar; dar direito de; possibilitar. Porém, ao utilizar a palavra "autorizar", Lacan não se atém à ideia expressa pela palavra na língua portuguesa. Segundo Dayrell (2019 apud BOUTEILLER, 2018)[5], o termo francês autorizar [*autoriser*] empregado por Lacan tem a sua origem na palavra "autor" [*auteur*], ou seja, aquele que pratica a

[5] BOUTEILLER, B. Anotações de aulas, abr./ jul. 2018.

ação.

Quando diz que o analista se autoriza de si mesmo, Lacan (1968) explicita que essa autorização não está ligada a qualquer autoridade ou instituição, essa formação é de autoria própria daquele que investe seu desejo de passagem do divã para a poltrona na sua própria análise, tornando-se psicanalista da própria experiência.

> O analista não é autorizado por ninguém, ele se autoriza por si mesmo. [...] Não existe o Outro da autorização. A partir de que, então, o analisante se autoriza analista? Ele se autoriza a partir de seu trabalho analítico, do deciframento de seu inconsciente, o que não é independente de seu trabalho de transferência – do que ele faz da relação transferencial estabelecida com seu analista. (DAYRELL, 2019 apud QUINET, 2009, p. 114-115).[6]

Ao situar a análise pessoal como condição *sine qua non* para aquele que se propõe a ocupar o lugar de analista, Lacan enfatiza que a formação do analista se ancora no saber do próprio inconsciente e na ética advinda dessa experiência singular. Nesse percurso, o analisante, ao sustentar a ética de seu inconsciente, opera uma passagem que não é meramente formal, mas implica um processo subjetivo; é nesse ponto que emerge, de modo crescente, o desejo do analista. Trata-se de um desejo que não se reduz a uma intenção consciente ou a uma função técnica, mas que se constitui justamente na travessia da própria análise. Compreende-se que o desejo do analista não se trata de um desejo pessoal do analista, nem daquilo que o analista deseja do ou para o analisante, mas desejo de que haja análise (COSTA, 2009). Ainda, Fink (2018) apresenta que "o 'desejo do analista' é um desejo que se concentra na análise e tão somente na análise." (FINK, 2018, p. 17).

Quando Lacan afirma que o analista se autoriza de si mesmo, ele esclarece que tal autorização não depende de instâncias externas, sejam elas institucionais ou hierárquicas, mas se funda na responsabilidade ética assumida diante do próprio inconsciente. Assim, a formação do analista se configura como uma autoria singular: é aquele que, ao investir seu desejo na passagem do divã à poltrona, sustenta a experiência analítica como causa e condição de sua prática, tornando-se analista a partir de sua própria experiência. (DAYRELL, 2019)

Desta forma, a releitura proposta por Lacan em seus Escritos e Seminários perante os pressupostos de formação do analista declarados pela IPA, emerge como uma resposta crítica ao modo como a psicanálise passou a ser institucionalizada. Sua proposta recoloca em primeiro plano a experiência analítica, indicando a necessidade de preservar a dimensão ética e singular da experiência analítica frente aos riscos de sua cristalização institucional.

2.3 A resistência à institucionalização da psicanálise

[6] QUINET, A. **A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

A psicanálise, desde seus primórdios, estabelece questões a respeito dos processos de institucionalização. Freud apresenta, no texto *Sobre psicoterapia* (1905), o contexto do início do século XX, no qual a psicoterapia era frequentemente desqualificada por parte da comunidade médica. Ainda, na mesma época, em Viena, órgãos oficiais cogitaram proibir que leigos exercessem profissionalmente a psicanálise. Caso essa medida fosse adotada, muitos que haviam se preparado por meio do tripé psicanalítico, mesmo sem uma formação institucional formal, seriam impedidos de praticá-la. Em contrapartida, o exercício da psicanálise seria autorizado a indivíduos cuja única credencial seria a formação acadêmica, sem que isso garantisse, de fato, sua aptidão para a prática analítica. Diante desse cenário, Freud questiona: "Será que o exercício da Psicanálise é um objeto que deva ser submetido à intervenção dos órgãos oficiais, ou será que é mais adequado deixá-lo à mercê de seu desenvolvimento natural?" (FREUD, 1926, p. 270).

A problemática levantada por Freud permanece vívida no campo psicanalítico contemporâneo. A tentativa de enquadrar a psicanálise em modelos formais de validação esbarra em um impasse estrutural: a impossibilidade de se constituir um saber totalizante sobre o inconsciente. A autora Paula Salomão Brock, no texto *A ilusão de um saber absoluto* (2023), propõe-se a articular Freud e Lacan frente aos processos de institucionalização da psicanálise. Diante do cenário psicanalítico voltado às ciências positivistas, a autora afirma que Lacan

> [...] ao longo de seus seminários, aberturas, escritos, nos trazia sempre breves comentários, ou não tão breves assim, daquilo que vivenciava no cerne da cena psicanalítica francesa, e o efeito das falas e exigências dos ditos pós-freudianos. (BROCK, 2023, p. 66).

Nesse sentido, Lacan dirige críticas contundentes aos moldes da IPA, questionando suas bases e efeitos na formação dos analistas. Ele criticava o fato de os psicanalistas se aproveitarem dos moldes da IPA para usufruir de uma hierarquia.

> Foi a partir disso que Lacan coloca sua crítica claramente ao equívoco da interpretação feita pela IPA, e institui a psicanálise como um advento singular e não transmitido. Pois o que se transmitia na pretensa formação de psicanalistas era uma garantia aos que seguiam seus "passos", o que acabava produzindo uma identificação massiva dos analistas didatas, assim como a transmissão da psicanálise. (BROCK, 2023, p. 67).

Desta forma, a autora apresenta o posicionamento de que Lacan pôde ler algo a mais em Freud: "[...] é preciso fazer carne, incorporar algo que é da ordem do dizer, e que será feito dentro de um percurso absolutamente único, pois a formação não é outra senão a do inconsciente." (BROCK, 2023, p. 68). Aqui, posiciona-se o argumento central de que o exercício psicanalítico, a formação em psicanálise, não deriva de titulações acadêmicas, mas da implicação do sujeito em seu próprio inconsciente e em seu próprio processo analítico.

Assim, a autora Julia Joergensen Schlemm Gattoni, no texto *"O psicanalista só se autoriza de si mesmo": a impossibilidade de compreender* (2023), discute o aforismo lacaniano "o psicanalista

só se autoriza de si mesmo", considerando perspectivas contemporâneas da formação acadêmica. A autora inicia a discussão considerando o saber de senso comum, que questiona sobre o caminho pré-determinado da formação analítica. A autora aponta que a sociedade contemporânea tende a exigir uma formação imediatista e padronizada, mas que este é um caminho rígido. Portanto, a questão em torno do aforismo lacaniano é que "[...] se descontextualizado, pode cair como uma luva, pois retira qualquer necessidade de autorização perante uma instituição e de percurso a ser seguido." (GATTONI, 2023, p. 34).

Porém, o que Lacan propõe é que se torna psicanalista através de seu próprio percurso em análise, que difere entre cada um. Por isso, a formação diverge daquela acadêmica, enrijecida em suas próprias regras. Embora tenha desvinculado-se da IPA, o autor não nega que Escolas de psicanálise devem continuar a existir, mas apresenta a notável diferença às regras da IPA:

> Lacan propõe ao compreender que uma instituição de psicanálise pode ser vista como tal não porque nela há didatas que fazem análises didáticas, ou seja, mestres que autorizam análises, mas sim porque é o local no qual as análises didáticas encontram um lugar. Assim, o próprio analista passa a se autorizar, porém sem desconsiderar que sua análise ocorreu dentro de uma escola com um conceito bem definido do que é uma análise didática, isto é, uma análise que no final emergiu o desejo de analista. (GATTONI, 2023, p. 36).

Assim, o aforismo lacaniano poderia ser erroneamente interpretado a partir de seu uso de forma perversa, desconsiderando o contexto psicanalítico, posto que não se trata simplesmente de evocar alguns signos e dizer de si mesmo um analista, como qualquer sujeito pode "fazer". Deste modo, Lacan ao formular esse enunciado, refere-se ao sujeito que passou por um processo formativo, no qual o tripé está implicado e observou o *desejo do analista* tomar forma em sua constituição psíquica. Embora diversas interpretações acerca desse aforismo possam ser feitas, não há porque culpabilizá-lo de ser usado como muleta por diversos "analistas", sem de fato o serem.

Ademais, a autora Joana Souza, em seu texto *Sobre a formação do psicanalista: entre o movimento psicanalítico e a institucionalização da psicanálise* (2014), salienta novamente que o campo psicanalítico é composto da especificidade indissociável da experiência, isto é, a experiência analítica do inconsciente. Ainda, apresenta-se outra perspectiva da formação do analista: a de que seu desejo é fundamental. "A experiência freudiana e a predominância de seu desejo constituem-se como a pedra fundamental sobre a qual foi construída a metapsicologia freudiana." (SOUZA, 2014, p. 88).

O que diferencia a psicanálise de outros campos, como o campo médico, é, portanto, a dimensão da experiência do próprio inconsciente aliado ao desejo de saber, em concordância com Freud, que, no princípio da psicanálise, teve como ponto de partida este desejo. "Nota-se, portanto, que a especificidade do campo psicanalítico encontra-se ligada ao ser do próprio analista e à dimensão de sua experiência, enquanto herdeiro do desejo do criador da psicanálise." (SOUZA,

2014, p. 88).

Assim, a partir das críticas à IPA, bem como de suas técnicas rígidas, formuladas por Lacan, levantam-se questões sobre a atual formação analítica. “Um ponto a ser considerado é que a instituição que se instalou em 1910 e que se mantêm até o presente momento, propõe um modelo de formação que não considera a dimensão da experiência psicanalítica [...]” (SOUZA, 2014, p. 96). Desse modo, a instituição psicanalítica não deve operar como instância de validação burocrática, mas como espaço de sustentação do discurso analítico, articulando ensino, supervisão e experiência, sem reduzir a formação a critérios normativos.

Nesse contexto, a universidade, ou qualquer outra instituição, não tem o direito de exigir, indicar ou supervisionar os analistas responsáveis pelos atendimentos dos alunos, tampouco de intervir na duração desse processo. Ainda assim, o autor Marco Antonio Coutinho Jorge (2009), apresenta a ideia de que a universidade pode funcionar como um impulso ao estudo e à pesquisa, ao se constituir como um ambiente propício para o desenvolvimento da psicanálise, seja ao questionar a prática clínica, seja ao aprofundar discussões sobre a técnica ou sobre determinadas psicopatologias. Como afirma o autor Alfredo Naffah Neto:

> Se a universidade não produz psicanalistas no sentido de capacitação clínica, ela pode, sem dúvida, contribuir bastante para o que poderíamos chamar de formação continuada, oferecendo um rico espaço de reflexão e de pesquisa (NETO, 2023, p. 113).

Portanto, nenhuma instituição pode, por si mesma, formar um psicanalista sequer, mas isto não exclui o fato de que ela possa ser um abundante recinto para a exposição e desenvolvimento da literatura psicanalítica.

No contexto brasileiro contemporâneo, a problemática entre formação analítica e institucionalização adquire contornos ainda mais explícitos. A publicação da Portaria SERES/MEC n°. 3, de 23 de janeiro de 2026, ao proibir a nomenclatura “Bacharelado em Psicanálise”, redefinindo tais cursos como “Estudos teóricos psicanalíticos e sociais”, evidencia uma tentativa de delimitação entre formação acadêmica e formação analítica. Ao estabelecer que esses cursos não habilitam para o exercício psicanalítico, a normativa reafirma, ainda que por vias institucionais, um ponto já sustentado pela tradição psicanalítica: a impossibilidade de reduzir a formação do analista à obtenção de um diploma. Tal medida recoloca em cena a questão freudiana e lacaniana, pois mesmo que busque proteger o campo psicanalítico, ainda o inscreve em uma lógica regulatória, que lhe é, em certa medida, estrangeira. Desta forma, a questão da formação analítica permanece entre a institucionalização e a preservação de sua ética e singularidade.

Assim, em um cenário contemporâneo marcado pela crescente exigência de regulamentação, certificação e validação institucional, questiona-se em que medida a formação analítica pode ser

reduzida a critérios formais sem comprometer sua especificidade. Submeter a psicanálise a uma lógica normativa contraria seus princípios, pois ela é fundada na singularidade do sujeito, impossibilitando a universalização da experiência analítica. Desta forma, a resistência à institucionalização não se configura como uma recusa das instituições, mas como uma crítica à tentativa de normatização de um processo que é singular e marcado pela experiência do sujeito em seu próprio inconsciente.

Por fim, entende-se que na prática psicanalítica não há como um Outro, como o Estado ou alguma instituição tomar para si a responsabilidade de dizer que tal sujeito é um analista. Pois, conforme exposto acima, essa autorização não parte senão do próprio sujeito que vivenciou, a seu modo, o estudo teórico, a análise pessoal e supervisão clínica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar a formação do analista frente a teoria freudiana, lacaniana e sua resistência à institucionalização da psicanálise. Inicialmente, propôs-se investigar os fundamentos da formação analítica para Freud, evidenciando a importância do processo histórico psicanalítico para o desfoque da ênfase médica em prol do trabalho singular analítico. Desse modo, considerou-se que o tema da formação psicanalítica é extremamente complexo, de modo que não se buscou exauri-lo, mas contribuir, na medida do possível, sobre ele. Considerou-se, ainda, que Freud e Lacan não apresentaram resoluções plenamente taxativas acerca da temática, tendo, contudo, elaborado proposições destinadas a orientar a formação do analista.

Em relação a Freud, suas contribuições acerca de como se dá o analista são diversas, e aqui foram apresentadas através do chamado ‘tripé psicanalítico’, conceituado posteriormente ao autor, mas alicerçado em suas recomendações. Este tripé apresenta análise pessoal, supervisão e estudo teórico como norteadores do processo de formação do psicanalista. Além disso, ao afirmar que se fazer analista perpassa a análise dos próprios sonhos, o sujeito se coloca como autor de sua análise, ou seja, sua demanda deve surgir de uma inquietação consigo mesmo.

Após os primeiros trabalhos freudianos acerca da formação analítica, Jacques Lacan retoma esta temática em sua própria releitura freudiana. Sua proposta de ‘retorno à Freud’ rompe com ideais positivistas que cercaram a formação em psicanálise, salientando que, para além de regras rígidas e normatividades institucionais, o psicanalista se dá por si, autoriza-se a si mesmo, reforçando o tripé psicanalítico freudiano e a formação analítica partindo da experiência singular do próprio sujeito. Compreendeu-se, então, que a posição de analisante antecede a posição de analista, experimentando a angústia em si mesmo. Sem a coragem de investigar sobre si mesmo não provêm

o analista, é a responsabilização pela própria análise que, junto com conhecimentos teóricos que não sucumbem ao dogmatismo, emerge o desejo de analisar. Ainda, sendo a análise singular, a formação do analista também é, ideia que nos convida a buscar um estilo próprio, único e legítimo, indo além de qualquer imitação ou identificação com um outro: “Façam como eu, não me imitem” (LACAN apud VOLTOLINI, 2011, p. 68)[7]. Seus ideais recolocam a dimensão ética e singular em primeiro plano, enfatizando a resistência psicanalítica à institucionalização, certificação e padronização.

Portanto, tal institucionalização refere-se à posição que a instituição pode ocupar em relação a formação em psicanálise, a qual busca um caminho uniforme para todos, em contraposição a singularidade do inconsciente e ao que foi proposto tanto por Freud quanto por Lacan. Desse modo, as instituições não são consideradas um mal em si para a psicanálise, pois podem servir como um espaço para o desenvolvimento e exposição da literatura psicanalítica, mas na medida em que assumem uma posição de suposto saber, como com a emissão de um diploma, transformam-se em um impasse para esse campo.

Desta forma, ambos teóricos legaram a postura de abertura para o novo, para a construção e reconstrução, da implicação pessoal com o processo e a certeza de que se haver com o próprio inconsciente em um processo de análise será sempre o material privilegiado na formação do analista, sendo assim, o analista surge de sua análise. Posto isto, este trabalho não propõe esgotar a temática, mas favorecer a reflexão acerca da formação analítica, contribuindo, portanto, para discussões que, mesmo estrangeiras à psicanálise, atingem sua prática, como o referido exemplo da Portaria SERES/MEC n°. 3, de 23 de janeiro de 2026. Assim, reafirma-se a importância de sustentar uma formação que preserve a singularidade do inconsciente e os princípios fundamentais da psicanálise frente às tentativas de qualquer normatização externa.

[7] Jacques Lacan, *Actas de la escuela francesa de Paris* (Barcelona, Ediciones Petriel, 1980, p.165).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTORIZAR. In: Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2026. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/autorizar/. Acesso em 20 mar. 2026.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). **Portal de Periódicos Capes**. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior. Portaria nº 3, de 23 de janeiro de 2026. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 17, p. 33, 26 jan. 2026.

BROCK, P. A ilusão de um saber absoluto. **Palavração**, Curitiba, n. 7, p. 66-72, 2023.

CARNEIRO, B. M. **"O que é um analista?": o analista, entre a psicanálise e a instituição.** 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/5d1c4089-8cad-456e-80e9-b0c39a8a84c3/content. Acesso em: 14 mar. 2026.

COSTA, T. O desejo do analista e a clínica psicanalítica com crianças. **Psicanálise & Barroco**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 86-102, dez. 2009.

DAYRELL, M. A. A. O psicanalista só se autoriza por si mesmo. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 41, n. 77, p. 103-110, jun. 2019.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico [1914]. In: **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 3-43.

FREUD, S. A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial [1926]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 205-315.

FREUD, S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica [1910]. In: **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 84-92.

FREUD, S. O método psicanalítico freudiano [1904]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 51-63.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial [1915]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 165-183.

FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico [1912]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017,

p. 93-107.

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades [1919]. In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 106-109.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento [1913]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 121-151.

FREUD, S. Sobre psicanálise selvagem [1910]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 81-93.

FREUD, S. Sobre psicoterapia [1905]. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 63-81.

ROZA, L. A. G. **Freud e o inconsciente**. 23. ed. São Paulo: Zahar, 2009.

GATTONI, J. "O psicanalista só se autoriza de si mesmo": a impossibilidade de compreender. **Palavração**, Curitiba, n. 7, p. 34-42, 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOHNSTON, A. Jacques Lacan. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Edição de Primavera de 2026. Disponível em: https://plato.stanford.edu/archives/spr2026/entries/lacan/. Acesso em: 20 mar. 2026.

JORGE, M. A. C. **Psicanálise, universidade e sociedade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

LACAN, J. **Ato de fundação da Escola Freudiana de Paris,** 1964. Disponível em: https://campolacanianosp.com.br/wp-content/uploads/2025/08/Ato_da_Fundacao_Escola.pdf. Acesso em: 15 mar. 2026.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola [1968]. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 248-264.

NETO, A. N. A instituição psicanalítica e as sociedades de psicanálise: percursos e encruzilhadas num processo de tornar-se psicanalista. In: ALMEIDA, A. P. (org.). **Muito além da formação:** diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2023. p. 95-116.

SOUZA, J. Sobre a formação do psicanalista: entre o movimento psicanalítico e a institucionalização da psicanálise. **Psicanálise & Barroco**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 86-99, Dez. 2014.

VOLTOLINI, R. **Educação e psicanálise.** São Paulo: Escuta, 2011.